

O FOLHETIM NO DESTERRO EM RELAÇÃO AO MODELO FRANCÊS

ZAHIDÉ L. MUZART - UFSC

A nossa finalidade no presente artigo é evidenciar a originalidade do folhetim no Desterro, no século XIX, em relação ao modelo francês, que, no Brasil da época, era hegemônico.

Escrever a história do romance em Santa Catarina é escrever a história do folhetim nos jornais do Desterro, pois, de publicado em livro, pouca coisa nos ficou. Os estudos, que temos, relevam a produção editada e citam alguns folhetins dispersos pelos jornais.

Fiz um levantamento preliminar do folhetim na antiga Desterro. Foi um trabalho de pura curiosidade pelo tema. Qual não foi a minha surpresa com os resultados: verifica-se a intensa vida intelectual (isso, em termos de pequena província, claro) de Desterro, o número muito grande de jornais e o espaço enorme da literatura nesses periódicos. Encontram-se muitos folhetins não mencionados nas histórias da literatura e encontra-se, ponto interessante a destacar, a atividade intelectual relevante de mulheres desterrenses. Modificam-se também certas afirmações muito repetidas. Vejam o exemplo seguinte. Os historiadores dizem que é com Gama Rosa que as novas idéias (a chamada "Idéia

sa local, encontramos alguns originais de autores de Santa Catarina (nascidos aqui mesmo ou aqui radicados). Trazemos, neste artigo, notas sobre essas narrativas, para auxílio dos interessados na literatura do século XIX, no Desterro.

1863 é o ano da publicação do primeiro folhetim de autor catarinense. É Lacerda Coutinho, que inicia a série com **Cenas da vida de estudante**. Publicado em **O Despertador**, compõem-se de duas histórias, aparentemente independentes, porém tendo a ligá-las a personagem principal, um estudante de medicina no Rio de Janeiro. Percebe-se que o estudante é catarinense pelas recordações da província que irrompem, a todo momento, na narrativa.

Seguem-se: em 1870, a publicação de **Por causa de uns bigodes**, folhetim completo (só que em coluna vertical e não horizontal, como os demais); em 1871, a do curioso folhetim **Lasthênia** de Francisco Antonio Castorino de Faria, posteriormente publicado em livro (Typografia H. Laemmert, 1884); em 1873, em **O Despertador**, a de **A Corveta Diana**, interessante romance que se passa na Ilha de Santa Catarina. O autor é Antonio Luiz Von Hoonholtz, Barão de Teffé. Foi também publicado em livro, em Manaus, no mesmo ano. Aqui, ele o foi em dois jornais: **O Conciliador** e **O Conservador**. Está incompleto, visto faltarem jornais na Biblioteca; em 1875, o primeiro folhetim de Horácio Nunes Pires, **O Prêmio da Ingratidão**. Horácio Nunes Pires foi autor de produção abundante que veremos, a seguir; em 1878, de Lery Santos (nasceu em São Paulo, mas viveu aqui), a publicação de **Eudocia**, subtítulo "ensaio romântico".

Ainda em 1878, aparece **O Castelo maldito** de Galeno Heráclito, pseudônimo de Gustavo Henrique Nunes Pires, romance que tem bastante interesse, por introduzir o fantástico na narrativa de autores catarinenses, prendendo-se ao chamado romance gótico e saindo um pouco dos caminhos batidos dos enredos água-com-açúcar.

No mesmo ano, temos a publicação de folhetim **Recordação de Clélia**, assinado por Solfieri. Segundo Iaponam Soares, era o pseudônimo de Silvio Pellico de Freitas Noronha.

Desterro também paga seu tributo ao romance de tema indígena: 1879 traz o primeiro folhetim indianista de autor local:

Guaraúna, romance de inspiração alencariana, com um enredo interessante de lutas entre tribos, e mitos indígenas. Não é assinado; porém, no livro **Literatura Catarinense**, o Professor Celestino Sachet diz tratar-se de Eduardo Nunes Pires.

Bem após, em **1887**, são publicados **Jurity** de Eduardo Nunes Pires e **D. João de jaqueta**, excelente romance de Horácio Nunes Pires e **Ibrantina**, de Ernesto Nunes Pires, publicado em **O Crepúsculo**, o jornal dos poetas Sabbas Costa e Pedro Goudel. Este romance, mesmo que mal costurado, é muito criativo na fabulação. De um modo geral, embora tenha escrito muito menos do que seu irmão Horácio, ou talvez justamente por causa disso, Ernesto Nunes Pires apresenta maior interesse para um estudo, mais originalidade, enredos mais criativos.

Virão, em seguida: em **1889**, mais dois bons romances: **Contar sem pretensões**, que se pode qualificar de excelente, de que não se conhece o autor, publicado em **O Conservador**, e cujo final nos falta seja porque, infelizmente, a publicação não termina, como outros folhetins da época, seja porque se perderam os jornais da coleção da Biblioteca, o que é lastimável. O segundo romance, que se anunciava bom, chama-se **Plano inclinado** de autoria de Pedro Cardoso, também incompleto.

Enfim, em **1896**, são publicados dois folhetins de Horácio Nunes Pires, de inspiração francesa: **A Orgulhosa** e **A Leprosa**.

Através do trabalho de resgate da memória do folhetim, verifica-se que a vida intelectual na Desterro do século XIX era animada e produtiva e que o romance, primeiramente importado da França ou da Corte, aqui criou raízes e desenvolveu-se com características próprias.

Horácio Nunes Pires e o Folhetim

Horácio Nunes Pires foi um autor com produção muito abundante e que abrange todos os gêneros: teatro (dramas e comédias), romances-folhetins, poesia, crônica teatral, crítica literária, traduções.

Seus folhetins nunca foram editados em livro, em sua época. Publicou, a partir de **1879**, sete romances traduzidos do

francês ou do espanhol. São os seguintes: **Magdalena**, **Por causa de uma viúva**, **Bruto**, **A carteira**, **O castelo dos fantasmas**, **O ódio da morta** e **O amor que se vingava**. Como imitação (tradução livre), deixou as seguintes traduções: **Rosinha**, **Marieta**, **Odette** e **A capa do russo**. Embora o autor afirme tratar-se de tradução, não aparece o nome do autor verdadeiro, dificultando assim a comparação. E, finalmente, como romances originais, já antes da publicação das traduções, publica, em 1875, **O Prêmio da Ingratidão - História de uma noite**, dedicado a seus irmãos Eduardo e Gustavo. Em 1887, aparece **D. João de jaqueta**, o melhor romance do autor, felizmente editado pela Movimento, de Porto Alegre, em 1984 (trazendo dois excelentes ensaios introdutórios de Carlos Appel e de Iaponam Soares). Depois da edição deste folhetim, somente em 1896 Horácio Nunes Pires publica outro. O ano de 1896 foi um ano muito fértil na carreira do autor: seis romances traduzidos e dois originais: **A Leprosa** e **A orgulhosa**. Ao todo, escreveu quatro romances-folhetins.

O Prêmio da Ingratidão, subtulado **História de uma noite**, foi publicado em **O Conservador**, em coluna vertical, história romântica, descabeladíssima, em que as maiores preocupações do autor são as de passar uma lição ao leitor: a de que a ingratidão não merece perdão. Como diz ele, "a orfandade, a loucura, a miséria e tão horrível morte foram o prêmio da ingratidão, porque a ingratidão é o mais mesquinho e vil de todos os sentimentos que pode abrigar uma alma. O ingrato não merece perdão".

Em 1887, com **D. João de jaqueta**, temos uma interessantíssima mudança de registro: do romantismo desvairado do folhetim anterior, passa-se a uma visão realista, com linguagem bem mais trabalhada e personagens inspiradas, não mais no folhetim francês, mas na vida local. O humor, introduzido na narrativa faz com que **D. João de jaqueta** lembre **Memórias de um sargento de milícias**, de que tem também a agilidade. Importante memória da vida na província, nesta época, sua originalidade, segundo Carlos Jorge Appel¹ "só poderia consistir na transgressão e na ruptura do modelo hegemônico europeu."

¹"D. João de jaqueta, um elogio à inteligência" introdução a Horácio Nunes **D. João de jaqueta**. Porto Alegre, Movimento/Pró-Memória, INL, 1984.

Em 1896, publica-se **A Orgulhosa**, folhetim com vinte capítulos, e, novamente, heróis românticos. Todo o enredo é a luta da personagem contra o amor de um homem pobre, por achá-lo inferior.

Depois desse folhetim, no mesmo ano (96), Horácio publica **A Leprosa**, onde, encontramos, outra vez, o tema da ingratidão entrelaçado ao do amor. É ainda o homem que detém as qualidades de nobreza e desprendimento e é a mulher, a interesseira, egoísta, ingrata. Este folhetim, superior ao primeiro do autor, é a história de uma cortesã amada por um jovem ingênuo que se deixará explorar por ela até perder o último centavo (Machado trará o tema em **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, só que com outra finura, no episódio de Marcela), sendo então abandonado.

Vemos que, enquanto preso ao modelo do folhetim francês - que tão bem conhecia, pelas traduções - o de Horácio Nunes Pires é fraco e, hoje, sem interesse. Foi uma lâstima que o autor não tivesse aprofundado seu lado de observador da sociedade e trabalhado o veio realista. Teria deixado mais romances excelentes, como **D. João de Jaqueta**. Curiosamente, em Sacramento Blake, no verbete de Horácio Nunes Pires, aparecem mencionados outros folhetins como originais do autor: **Marieta**, **Jurity** e **Julieta**. No entanto, encontrei **Jurity** publicado com o nome de Ernesto Nunes Pires, seu irmão. E **Marieta** é "imitação", ou seja, tradução livre. Quanto a **Julieta**, que não encontrei, penso ser o mesmo folhetim **O preço da ingratidão**, cuja heroína era assim chamada.

Continua no Próximo Capítulo...

Contariando a opinião do poeta Franc da Paulicêa, que se pergunta o porquê de falarmos nas cerejas da Europa, se, aqui, temos pitangas, ou de falarmos em rouxinóis, calhandras e cotovias, se, aqui, escutam sabiãs, é José Rodrigues Prates um folhetinista bem ao molde francês do folhetim romântico.

Segundo Sacramento Blake, José Prates nasceu a 4 de maio de 1862, em Desterro, onde foi professor de primeiras letras no "arraial do Estreito". De imaginação fértil e escrita fácil, co-

laborou em vários jornais do Desterro tais como **Conservador, Regeneração, Colombo, Jornal do Comércio** e outros que acolheram sua produção, aparentemente, nunca publicada em livro.

Escreveu os seguintes romances e contos: **As vítimas da Inglaterra; Edmundo, o bandido; Ladrão singular; Alina; A mendiga; Amores trágicos; Fabrício; O livrinho de memórias; Uma moça infeliz** (conto). Alguns desses ainda são encontrados completos nos jornais da Biblioteca Pública. Em todos, o autor demonstra a leitura apaixonada dos mestres do "roman-feuilleton" e as lições ali colhidas.

O folhetim, em Desterro, não primou pela ligação extrema da com os franceses. Antes, desenvolve características mais originais, tais como o apego aos temas do cotidiano e grande observação da realidade local, assim como o uso do humor. Podemos citar **D. João de jaqueta**, de Horácio Nunes Pires, e **Cenas da vida de um estudante**, de Lacerda Coutinho.

Já o folhetim de José Prates está quase todo voltado para o francês, de vocação melodramática. Obedecendo à estrutura deste, valoriza muito o corte, criando expectativas para que o leitor fique preso à trama. E, ao contrário de outros folhetins do Desterro, alonga-se bastante, permanecendo mais tempo nos jornais. Os enredos trazem nobres damas traídas, aventureiros embuçados na calada da noite, órfãos perdidos, mulheres más e alcoviteiras, jesuítas de mau caráter, pais desconhecidos e revelados ao final, belos jovens cheios de qualidades etc., estabelecendo nítido diálogo com o famoso romance negro. Dentro de todo este "imbroglio", há qualidades nos seus folhetins, tais como a grande imaginação, um ritmo muitas vezes ágil e o uso do corte, aliado a anúncios, coincidências, técnicas do gênero.

Segundo Louis Reybaud (1842), a arte do folhetinista estava no corte e a receita para um bom folhetim era a seguinte: "Tomar uma jovem infeliz e perseguida, juntar-lhe um tirano sangüinário e brutal, um pagem sensível e virtuoso, um confidente dissimulado e perverso. Quando tiver todos esses personagens, misturá-los, vivamente, em seis, oito, dez folhetins e servi-lo quente... É sobretudo no corte que o verdadeiro folhe-

introdução, antecedendo a narrativa propriamente dita.

O primeiro capítulo traz três parágrafos de bela descrição do espaço - florestas, noite. Vai, habilmente, criando um clima de mistério. Reproduzo a passagem que mostra um traço característico do autor: as longas enumerações; neste exemplo, a enumeração da fauna: "A noite substituíra o dia, e aos gritos agudos das arapongas e tucanos, à estrídula vozeria das maracanãs e tangarás, ao grunhir confuso e rouco dos macacos nas sapacaieras, ao chilrear de uma infinidade de pássaros, e ao zumbido de miríades de insetos, sucediam agora as vozes íntimas da floresta, o ciciar harmonioso da brisa nas ramas verde-negras das palmeiras, o estalar do mato, o esvoaçar do urutão noctívago, o arruído surdo e longínquo das cachoeiras do sertão, e a espaços o rugido medonho do jaguar famélico nos fundos recessos da floresta."

O exemplo acima mostra bem o estilo cuidado do autor, em cujo ritmo aparece o poeta.

Todos os termos indígenas do texto vêm explicados em ótimas notas de rodapé. Ao lado de explicações necessárias como "Guaraúna", "Kiçaba", "Uúba", surpreende-nos a explicação de palavras comuns aos romances indianistas da época tais como "taba, pagé", mostrando que o indianismo literário era ainda pouco conhecido por aqui. Porém, já tivéramos em folhetim do jornal **O Despertador**, a publicação de **O Guarani**, em 1868, e de **Ubirajara** em 1876, no mesmo jornal.

O enredo não traz nada de muito novo. Interessante é o registro dos costumes indígenas, tal como a preparação das armas e venenos pelas mulheres antes da batalha. Igualmente, deve-se notar que neste romance indianista não há brancos. Isso é importante, pois não aparecerão a dominação do branco colonizador em relação ao índio, nem as diferenças entre "civilizado" e "bárbaro".

O texto dialoga bastante com Alencar: todos os costumes e rituais são altamente idealizados. Porém a linha mais forte do texto liga-se a Gonçalves Dias. Por exemplo, a cena da morte de um prisioneiro lembra, em prosa, o "I-Juca-Pirama": diálogos entre o prisioneiro e o chefe da taba, a luta entre aquele e os

inimigos antes da morte para provar sua coragem. Só a morte por decapitação introduz uma nota mais naturalista. As belezas da floresta, da flora e da fauna, tudo é muito louvado no texto com fortes conotações míticas e um tom altamente poético. Não restam grandes expectativas ao leitor: tudo já foi predito pelo chefe da tribo, ou pelo pagé quando anuncia a morte de Guaraúna.

Lasthênia

Eis um folhetim com um tema diferente e personagens interessantes. O autor: Francisco Antônio Castorino de Faria. Publicado no jornal **O Cacique**, em 1871, esse texto foi revisado para a publicação em livro, no Rio de Janeiro, em 1884.

Em resumo, o enredo é a história de amor entre um rapaz catarinense, morando na Corte, e uma moça paulista. Tudo gira em torno do amor violento que a moça inspirou, do noivado e do desfecho da história amorosa.

A personalidade feminina retratada é muito interessante. É uma personalidade de mulher forte, inteligente e orgulhosa, inspiradora de grandes paixões, e muito mais consciente de sua condição de "segundo sexo" do que suas contemporâneas. Ela opta pelo celibato para não sofrer as "injunções do matrimônio". Para a época, a personagem apresenta maneiras muito desvoltas e livres. A personalidade de Lasthênia é bem estruturada pelo narrador, pois o leitor a aceita mesmo nas suas atitudes mais estranhas.

O que o leitor não aceitará, talvez, é uma certa falta de organização e de propósitos claros do narrador. A tentação do escritor foi a de fazer um grande monólogo interior, mas as injunções do romance da época não lho permitiram. Daí decorre um certo mal-estar do narrador, contrafeito dentro dos moldes que se impôs. Assim, temos, dentro das "memórias" deste narrador-personagem (que nos lembra Paulo de **Lucíola**) diálogos com personagens de quem não sabemos nada. É isso o mais curioso nesse romance - só sabemos de Lasthênia o que o narrador sabe; e ele não é onisciente, pois não conhece os móveis profundos das ações das personagens.

Entre a narrativa publicada em folhetim e a edição em livro, há várias mudanças, tais como acréscimos, cortes e inversões. O livro apresenta alguns capítulos mais curtos; tem uma decicatória inicial de página e meia, que o folhetim não apresenta; começa num andamento mais rápido, com a apresentação de Lasthênia já no primeiro capítulo.

Na publicação em livro, a marca do estilo do autor aparece no início do romance. Nada de longas descrições, mas de um estilo direto, claro, ágil e sem rebuscamentos. Por exemplo, as primeiras frases do romance são as seguintes: "A casinha que ela habitava era na rua do Berquó. Fui vê-la pela primeira vez em uma serena e alegre manhã de abril. Eram dez horas da manhã. Ela estava dormindo": "Das quatro frases, só a primeira tem um período composto com duas orações; as demais são períodos simples. Seu estilo tende mais ao conciso, está bem distante do estilo descritivo de seus contemporâneos. A adjetivação é parca e há uso constante do coloquial.

Após o título, no jornal, aparece entre parênteses a palavra **Estudo**. Estudo para a futura publicação em livro? Em vista das mudanças realizadas, parece que sim. Pelo que pude concluir do exame dos dois textos, jornal e livro, houve a intenção de "enxugar" o texto do jornal, deixá-lo mais interessante para o leitor, com um andamento mais rápido.

No folhetim, aparecem menções a Santa Catarina. O narrador, além de falar de sua província natal, dá a Lasthênia um livro do escritor catarinense Sílvio Pellico. Isso é eliminado do livro.

O tema do romance é o do desencontro e o leitor só ao final vai conhecer as razões desse desencontro e da separação das personagens. Mas, apesar do tema interessante e dos motivos que perpassam a narrativa, de personagens ricas em possibilidades, de um uso original do coloquial, faltou ao autor maior segurança e organicidade na estrutura geral; e o romance termina deixando uma sensação, no leitor, de perda e de falta, de desencontro.

Cenas da Vida de Estudante

Os folhetins de inspiração francesa e um pouco mais "rombolescos" dormirão para sempre nas páginas dos jornais da Biblioteca Pública. No entanto, aqueles que não repetiram moldes importados ou que, mesmo os seguindo (pois trata-se do "roman-feuilleton"), registraram cenas da vida local e fizeram a crítica, com humor e ironia, aos costumes de sua época merecem que os resgatemos.

Dos folhetins estudados, constato que pelo menos quatro preferem o estilo novo, o realista, e usam do humor. São: **Cenas da vida de estudante** (1863), **D. João de jaqueta** (1867), **Lasthênia** (1871) e **Contar sem pretensões** (1889), sendo os demais românticos.

Dentre as características deste folhetim desterrense, salientam-se o gosto pelo popular e o registro das idiossincrasias da terra, além do uso do humor e de diálogos com o leitor.

O autor, Lacerda Coutinho, foi poeta respeitado na sua época, tendo merecido a atenção do crítico Araripe Jr. Viveu no Desterro de 1841 a 1862, quando foi para o Rio de Janeiro cursar Medicina. Durante o tempo em que viveu no Rio, permaneceu sempre ligado à sua terra natal, seja colaborando com os jornais, seja fundando, no Rio, o Centro Catarinense. Escreveu poemas, peças de teatro e o romance **Cenas da Vida de Estudante**, publicado em 1863, em folhetins, no jornal **O Despertador**.

Este folhetim é composto de duas narrativas independentes, tendo a ligá-las apenas o fato de a personagem central ser um estudante na Corte. É um texto que surpreende para a época: pela agilidade (daí podermos ligá-lo a uma certa marcação teatral), pelo uso da ironia, pela graça que extrai de jogos de palavras e alusões e, sobretudo, pela desmitificação que o autor faz da vida na Corte, a Meca de todo provinciano, na época. O primeiro capítulo todo é excelente no tratamento da linguagem; no uso da descrição do espaço mesclada à dos pensamentos do "provinciano novato", das decepções sofridas no Rio, ainda colonial e atrasado, para quem esperava encontrar a Paris de seus sonhos. "Mísero provinciano! Sonhaste uma mina inesgotável

de tesouros e recursos, e és tu a mina que não se cansam de explorar os velhacos e gatunos com que te esbarras em qualquer esquina." E mais ainda: "Pobre provinciano! Tu, o galo de tua aldeia, és aqui uma espécie de peru desasado, a quem até os estudantes fedelhos, raça de pintos malcriados e piadores, divertem-se em debicar."

Todo o primeiro capítulo é como uma introdução à narrativa propriamente dita. Pelo diálogo com o leitor, lembra os autores ingleses do século XVIII e Machado de Assis. Pelo uso do humor, as **Memórias de um sargento de milícias** e o Joaquim Manuel de Macedo, de **A Moreninha**. Muitas críticas à mentalidade reinante na Corte são tecidos, fazendo-se, também, muitas alusões ao descaso em que são deixadas as províncias. O narrador conclui que a arrogância domina a Corte e que as províncias sofrem com o esquecimento, embora ele afirme que das províncias provêm "a força e a valentia". Encontramos a mesma crítica nos escritos de Insulano (Duarte Paranhos Schutel), onde, com ironia, se criticam os exageros românticos. Nisso, Lacerda Coutinho não cai. Antes, inova, introduzindo em sua narrativa observações muito pertinentes do cotidiano carioca e usando uma linguagem coloquial.

O uso relevante da linguagem coloquial deve ser acentuada como um traço original do folhetim brasileiro, ou melhor, do folhetim desterreense. Isso vai distinguir o romance de Lacerda Coutinho do - muitas vezes descabelado - folhetim francês. O coloquial e o humor bem dosados conferem mais valor ao romance de Lacerda Coutinho e dão-lhe um lugar na história do romance brasileiro.

